REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/07/2026 - **Accepted:** 19/08/2026
Vol: 13.18 - August
DOI: 10.66104/04bwwg41
Pages: 1-18

O ENCONTRO DO FEMININO A PARTIR DAS NARRATIVAS MÍTICAS CELTAS

ENCOUNTERING THE FEMININE THROUGH CELTIC MYTHOLOGICAL NARRATIVES

Maria Clara de Castro Almeida Vieira
Graduanda em Psicologia, Universidade de Fortaleza, Brasil
E-mail: mariaclaracav@icloud.com

Vanessa Maria Gondim Augusto
Doutoranda em Psicologia, Universidade de Fortaleza, Brasil
E-mail: vanessagondim@unifor.br

Maira Maia de Moura
Doutora em Educação, Universidade de Fortaleza, Brasil
E-mail: mairamaiademoura@gmail.com

Beatriz Pinheiro Bezerra
Mestranda em Psicologia, Universidade de Fortaleza, Brasil
E-mail: psibeatrizpb@gmail.com

José Clerton de Oliveira Martins
Doutor em Psicologia, Universidade de Fortaleza, Brasil
E-mail: clerton@unifor.br

Resumo

Na mitologia Celta, as representações do feminino ocupam um papel de destaque, de modo a ter influenciado fortemente essa cultura, na qual as mulheres são extremamente respeitadas, podendo ter elevado status social. Ao longo do percurso histórico, das hegemonias e regimes ditatoriais, estes ideais foram desaparecendo ou sendo distorcidos. Assim, este estudo buscou apontar as contribuições das narrativas míticas Celtas para o imaginário feminino contemporâneo. Para tanto, utilizou-se uma abordagem qualitativa, que se preocupa em investigar o fenômeno e o contexto no qual este se apresenta. Sendo descritiva e explicativa, os procedimentos utilizados foram pesquisas bibliográficas e documentais. Também se empregou uma revisão narrativa, a qual forneceu uma análise crítica, subjetiva e reflexiva acerca dos conteúdos pesquisados. A partir do percurso, infere-se que as narrativas míticas Celtas contribuem para um processo de reconexão com a força arquetípica feminina, ligada às figuras simbólicas no mito e na história, que representam diferentes faces do ser mulher.

Palavras-chave: Mitologia Celta; Feminino; Contemporaneidade; Psicologia Junguiana.

CC BY 4.0
Attribution 4.0 International
Deed

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/07/2026 - **Accepted:** 19/08/2026
Vol: 13.18 - August
DOI: 10.66104/04bwwg41
Pages: 1-18

Abstract

In Celtic mythology, representations of the feminine occupy a prominent role, so as to have strongly influenced this culture, in which women are extremely respected, and may have high social status. Throughout the historical course, hegemonies and dictatorial regimes, these ideals have been disappearing or being distorted. Thus, this study sought to point out the contributions of Celtic mythical narratives to the contemporary female imaginary. To this end, a qualitative approach was used, which is concerned with investigating the phenomenon and the context in which it is presented. Being descriptive and explanatory, the procedures used were bibliographic and documentary research. A narrative review was also employed, which provided a critical, subjective, and reflective analysis of the researched content. From this approach, it can be inferred that Celtic mythical narratives contribute to a process of reconnection with the archetypal feminine force, linked to symbolic figures in myth and history, which represent different facets of being a woman.

Keywords: Celtic Mythology; Feminine; Contemporaneity; Jungian Psychology.

1. Introdução

Desde criança cresci com minha avó ao meu lado, ela que nunca foi aquele cliché de vovozinha, cozinhando milhares de coisas ou passando o dia costurando e vendo televisão. Minha avó estava sempre na ativa, acordando às cinco horas da manhã para ir a academia, coordenando sua casa, gerenciando sua equipe no trabalho e tirando um tempo toda semana para ir ao salão relaxar. Algumas muitas vezes, no meio de todos esses afazeres, lá estava eu, acompanhando-a e a observando com admiração, uma mulher que em sua juventude desafiou padrões sexistas e machistas, sempre utilizando o cabelo curto, expressando suas opiniões e decisões, além de comparecer às aulas da faculdade de Direito mesmo estando grávida, não deixando que os ideais de maternidade da época a impedissem de seguir sua carreira. Apesar de sua rotina agitada, os finais de semana eram reservados a nós duas, nos quais eu a atualizava sobre a minha semana e assistíamos a filmes e séries. É com esta declaração de orgulho, admiração e inspiração da mulher que minha avó é, que início este trabalho, pois é sobre essa força feminina que tentou ser reprimida pela sociedade, mas prevaleceu e conseguiu passar suas raízes para a próxima geração, que se analisou e refletiu, tendo como referência de base o livro “Wild Irish Roses” (2004) de Trina Robbins, sobre como a figura feminina deixou de ser enaltecida e respeitada como deusas e grandes sábias, para ser vista na contemporaneidade como um mero objeto para

CC BY 4.0
Attribution 4.0 International
Deed

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/07/2026 - **Accepted:** 19/08/2026
Vol: 13.18 - August
DOI: 10.66104/04bwwg41
Pages: 1-18

expor, abusar e humilhar, de modo a melhor favorecer os homens, e quando possuem atitudes fora da norma esperada, são taxadas de loucas, descontroladas, exageradas, dramáticas e histéricas.

Para compreender como se deu essa degradação do conceito de feminino e as contribuições das narrativas celtas que moldaram a perspectiva da sociedade sobre as mulheres, é necessário voltar ao início da nossa história como seres humanos. Desse modo, tanto a humanidade e o atual conhecimento sobre sua formação e evolução ao longo dos séculos, foi propagado não somente por escrituras, artes plásticas e documentos políticos, mas também por aquelas histórias sussurradas de forma tão cuidadosa, como se a qualquer momento o vento as levariam embora, pois era deste modo que os mitos Celtas eram primordialmente passados entre gerações, com canções, danças e rituais de adoração aos elementos da natureza (Ribas, 2017). Dentro desta mitologia tão simbólica e sensitiva, a figura feminina ocupa um papel de destaque, tendo em vista que o povo Celta tinha como principal foco de adoração o culto à natureza, esta que representa o arquétipo da Grande Mãe, que de acordo com Neumann (1999, p. 25), se configura como um aspecto parcial do “Grande Feminino” no qual os “... símbolos, especialmente os da natureza em todos os seus reinos, estão de certa forma marcados pela imagem do Grande Maternal ....”, assim reunindo as formas da Mãe Bondosa e da Mãe Terrível, com seus atributos positivos e negativos.

Deste modo, sendo guiadas pelos princípios de sua cultura, na sociedade Celta as mulheres eram extremamente respeitadas, podendo ter elevado status social, como pontuado no Guia da Mitologia Celta (2016, p. 13), no qual “(...) tinham o direito de exigir o divórcio e deixar o casamento com as propriedades que possuía quando solteira”, isto antes das invasões dos Romanos, que destituíram as mulheres de seus direitos. Ademais, eram destemidas e ferozes guerreiras nos campos de batalha, lutando ao lado de seus maridos durante as guerras, possuindo uma presença tão marcante que trechos históricos romanos foram escritos sobre

CC BY 4.0
Attribution 4.0 International
Deed

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/07/2026 - **Accepted:** 19/08/2026
Vol: 13.18 - August
DOI: 10.66104/04bwwg41
Pages: 1-18

as “mulheres guerreiras Celtas”, quase tão altas quanto os homens com quem lutavam contra.

Porém, com a chegada do cristianismo, as tradições e mitos Celtas foram sendo dizimados ou distorcidos, de modo que todos aqueles associados poderiam ser considerados hereges e portanto, deveriam ser punidos com a morte, em especial as mulheres, que foram categorizadas como bruxas e feiticeiras, adoradoras do diabo. Visão essa que ainda permanece enraizada em nossa sociedade, na qual o modelo patriarcal posiciona as mulheres em uma situação de subserviência (Dupont, 2021), devendo ser submissas aos homens, não podendo serem vistas ou ouvidas, como pontuado em um epítome moderno da doutrina pitagórica sobre as mulheres, no qual afirma que só deveriam sair de casa em três situações: a primeira, para conhecer o noivo, se casar; a segunda, para ir morar na casa do marido; e a terceira, para o seu próprio funeral (Jámblico, 2003).

Diante do exposto, na contemporaneidade as mulheres ainda recebem tratamentos desiguais, abusivos e opressores, reminiscências do desvalor atribuído a elas durante os séculos, causando uma redução do empoderamento feminino. Assim, a partir das narrativas míticas Celtas, indagou-se quais apontamentos poderiam contribuir para o imaginário feminino contemporâneo, de modo a alimentar a natureza ancestral adormecida.

2. Metodologia

Este trabalho, visou proporcionar uma investigação acerca das contribuições das narrativas míticas Celtas para o imaginário feminino moderno. Nesse contexto, utilizou-se uma abordagem qualitativa, que se preocupa em investigar o fenômeno e o contexto no qual este se apresenta, levando em consideração a dinâmica das relações sociais, tendo como foco o “... universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes ....” (Lozada, Nunes, 2019, p. 133), desse modo, os dados coletados estão sujeitos a diversas interpretações, inclusive contando com a perspectiva do pesquisador.

CC BY 4.0
Attribution 4.0 International
Deed

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/07/2026 - **Accepted:** 19/08/2026
Vol: 13.18 - August
DOI: 10.66104/04bwwg41
Pages: 1-18

Seguindo a linha de desenvolvimento deste trabalho, a metodologia escolhida foi a revisão narrativa. De acordo com a American Psychological Association (2022), este tipo de revisão que se baseia na literatura escolhida como fonte principal de informação, deverá fornecer uma análise crítica, subjetiva e reflexiva acerca dos conteúdos pesquisados e a articulação feita pelo pesquisador, tendo em vista os objetivos de sua pesquisa. Para tanto, as seguintes etapas foram realizadas para a produção da presente revisão de literatura: 1) Definição e esclarecimento do problema; 2) Resumo de investigações anteriores para informar os leitores sobre a situação da pesquisa; 3) Identificação de relações, contradições, lacunas e inconsistências na literatura; e 4) Sugestão dos próximos passos para resolver o problema. (American Psychological Association, 2022, p. 8).

Quanto aos objetivos, foi descritiva e explicativa; na qual, uma pesquisa descritiva se propõe a descrever as características do objeto/conteúdo estudado, tendo o pesquisador a possibilidade de "... estabelecer relações entre as variáveis." (Lozada, Nunes, 2019, p. 139), objetivando reunir e analisar informações sobre o assunto em questão, de modo a tornar possível ao pesquisador, propor hipóteses e reflexões próprias; a pesquisa explicativa, por sua vez, pretende ".... identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de determinado fato." (Lozada, Nunes, 2019, p. 139), aprofundando o conhecimento sobre o contexto estudado e a natureza das experiências vivenciadas.

Ademais, os procedimentos utilizados foram pesquisas bibliográficas e documentais. O levantamento bibliográfico tem como característica a coleta de informações científicas que foram previamente analisadas, em livros, artigos, jornais, monografias, teses, dissertações e entre outros, assim possibilitando que o pesquisador analise, compare, verifique e formule novas reflexões e conclusões, relacionadas ao seu objetivo de pesquisa (Lozada, Nunes, 2019). O levantamento documental (realizado na biblioteca digital JSTOR), diferentemente do bibliográfico, faz uma compilação de informações que ainda não receberam tratamento analítico, sendo estes chamados de documentos de primeira mão, como "documentos

CC BY 4.0
Attribution 4.0 International
Deed

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/07/2026 - **Accepted:** 19/08/2026
Vol: 13.18 - August
DOI: 10.66104/04bwwg41
Pages: 1-18

oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc. ....” (Gil, citado em Lozada, Nunes, 2019, p. 160).

Para isto, os critérios de inclusão empregados na seleção dos referenciais teóricos agrupados, foram: produções acadêmicas, publicadas entre os anos de 2010 e 2025, escritas em inglês, espanhol e português, disponíveis de modo integral em bases de dados institucionais, com conteúdos que agregassem a reflexão proposta na pesquisa. Ademais, estabeleceu-se como critérios de exclusão, a literatura que não possuísse cunho científico ou histórico, não contivesse as temáticas especificadas anteriormente e não fosse validada por bases de dados ou repositórios acadêmicos certificados.

Para a coleta de dados, realizou-se uma revisão bibliográfica, e uma análise e pesquisa documental, abarcando artigos acadêmicos, periódicos de revistas e jornais científicos e livros que contivessem referências e informações relevantes para a construção argumentativa deste trabalho. Assim, para tanto, utilizou-se as seguintes bases de dados eletrônicos: EBSCO (Academic Search Complete); APA PsycNet (da American Psychological Association); Google Acadêmico; JSTOR (Journal Storage). Nas quais, fez-se uso dos seguintes descritores e operadores booleanos: “Jung AND Scottish mythology”, “Jung AND Scottish folklore”, “Junguian AND Scottish mythology”, “Junguian AND Scottish folklore”, “Jung AND Celtic mythology”, “Jung AND Celtic folklore”, “Junguian AND Celtic mythology” e “Junguian AND Celtic folklore”. Também se dispôs do livro “Wild Irish Roses” (2004) da quadrinista e historiadora internacional Trina Robbins, como referência de análise central neste trabalho.

O método proposto convocou duas análises, assim o livro base utilizado neste trabalho, “Wild Irish Roses”, foi submetido à uma Análise Narrativa, a qual Gibbs & Flick (2009) pontuam que o foco, não foi observar os métodos puramente científicos e normativos presentes na escrita, mas sim compreender de forma profunda os significados, sentimentos e fenômenos relatados, e como eles atravessaram o autor no local de indivíduo.

CC BY 4.0
Attribution 4.0 International
Deed

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/07/2026 - **Accepted:** 19/08/2026
Vol: 13.18 - August
DOI: 10.66104/04bwwg41
Pages: 1-18

Por outro lado, as informações coletadas nas bases de dados referidas, foram submetidas à uma Análise de Conteúdo, que visa descrever e interpretar os conteúdos estudados, buscando analisar o "…. significado de palavras, com o objetivo de encontrar sentido para o documento." (Farias Filho e Arruda Filho, citado em Lozada, Nunes, 2019, p. 207).

Na Tabela 1, apresenta-se uma síntese dos estudos coletados, organizados de acordo com seu ano de publicação, título, autor(es), especificações da fonte, objetivo(s) e síntese.

Tabela 1 - *Síntese dos Estudos Coletados*

Ano; Título; Autor(es); Especificações da fonte	**Objetivo(s)**	**Síntese**
- 1986 - Woman as birth-and-death-giver in folk tradition: a cross-cultural perspective - Autor(es): Sautman, F. - Women's Studies	- "Apresentar a dualidade da mulher, que nas narrativas populares estão entrelaçadas em padrões de vida e morte de muitas maneiras. Essa mãe ambígua, protetora e destrutiva, é bem conhecida em contos populares ao redor do mundo." [tradução própria].	- "Os contos discutidos mostram que o próprio corpo feminino pode ser associado à vida e à morte." [tradução própria]. - "As histórias mitológicas não são contadas exclusivamente por homens, apesar da maioria ser. Entretanto, seja quem for o narrador, muitos contos concordam que pode haver um mundo sem homens." [tradução própria].
- 2017 - A Deusa e a Mulher Contemporânea: Uma Leitura dos Arquétipos Femininos em Mitos Celtas - Autor(es): Ribas, Karoline. - Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná (repositório)	- "Discutir sobre a importância da mitologia para a sociedade, entender como os arquétipos influenciam a personalidade das pessoas, identificar a relação entre as mulheres contemporâneas e as deusas celtas e como os mitos podem ressurgir através de livros, pinturas, ilustrações, músicas, poemas e em jogos eletrônicos."	- "Os arquétipos do inconsciente coletivo estão presentes em praticamente tudo o que nos cerca. Reconhecer esses arquétipos possibilita uma viagem de autoconhecimento, por meio deles é possível compreender os mitos e relacionar as narrativas heroicas com a vida das pessoas comuns da contemporaneidade."
- 2020 - As deusas celtas e a jornada simbólica da alma feminina. - Autor(es): Faro, M. - Self – Revista do Instituto	- "Apresentar uma análise arquetípica dos mitos de cinco deusas de mitologia celta, que refletem aspectos simbólicos e profundos da alma feminina, contribuindo dessa forma com o processo terapêutico e de	- "Observa-se nos antigos mitos celtas um vasto e profundo material simbólico sobre a psique humana." - "A jornada simbólica da alma feminina está centrada no

CC BY 4.0
Attribution 4.0 International
Deed

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/07/2026 - **Accepted:** 19/08/2026
Vol: 13.18 - August
DOI: 10.66104/04bwwg41
Pages: 1-18

Ano; Título; Autor(es); Especificações da fonte	Objetivo(s)	Síntese
Junguiano de São Paulo	individuação das mulheres.”	reencontro com a sua soberania, o seu poder de cura, a inspiração, a transformação, a sabedoria e o amor para guiar a sua própria vida.”
- 2021 - As Relações de Gênero no Patriarcado Eurocêntrico e no Bom Viver: Uma Análise Comparativa - Autor(es): Dupont, S. L. - Revista Espirales	- “Proporcionar uma visão comparativa entre as demandas dos feminismos tradicional e do indígena comunitário.”	- “O feminismo tradicional é baseado na superação da dicotomia público/privado que separa os espaços dos homens e das mulheres na sociedade, as deixando em uma posição de inferioridade.” - “As relações de gênero no mundo ocidental são reflexo do patriarcado originado de uma evolução, à qual ainda não foi possível determinar a origem precisa no tempo e no espaço.”
- 2023 - El papel de la mujer en la religión de la Galia céltica. ¿Diosas y druidesas? - Autor(es): García, C. M. - Ilu Revista de Ciencias de Las Religiones	- “Analisar o papel das mulheres na religião celta pré-romana.” [tradução própria]. - “Identificar a possibilidade de figuras femininas praticarem o druidismo e, em caso afirmativo, se elas devem ser consideradas ‘druidesas’, em pé de igualdade com o termo ‘druida’.” [tradução própria].	- “Todas as evidências sugerem que as mulheres podem ter transcendido as divisões e formas de dominação baseadas no gênero graças ao seu status pessoal.” [tradução própria]. - “Essa mesma importância deve ter se estendido à esfera religiosa e ritual. No que diz respeito à mitologia, observa-se uma notável proeminência de divindades e figuras femininas.” [tradução própria].

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

3. Revisão da Literatura

3.1 A representação arquetípica do feminino nos mitos celtas

Na Religião Celta, assim como na Grega e Egípcia, tem-se a presença de diversas deusas e deuses, cada um possuindo seus próprios atributos e domínios espirituais. Entretanto, evidenciou-se maior representação de divindades femininas do que masculinas ao longo das narrativas míticas abordadas, tanto nos artigos encontrados quanto nos contos descritos no livro base deste trabalho. Deste modo,

CC BY 4.0
Attribution 4.0 International
Deed

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/07/2026 - **Accepted:** 19/08/2026
Vol: 13.18 - August
DOI: 10.66104/04bwwg41
Pages: 1-18

para o presente estudo analisou-se somente as principais e mais influentes deusas, tendo como base o livro “Wild Irish Roses” de Trina Robbins (2004), também foram examinados 4 estudos de revisão de literatura, a fim de definir tais deidades, e mais adiante se discutirá suas similaridades com os aspectos arquetípicos junguianos e pós-junguianos.

Tendo isto em vista, é necessário comentar sobre o conceito de arquétipo e sua importância para este trabalho. Entretanto, não é um conceito simples a se definir, pois “... o arquétipo representa um profundo enigma que supera nossa capacidade de apreensão racional.” (Jacobi, 2016, p. 43). Dessa forma, os conteúdos arquetípicos apesar de presentes na psique, permanecem encobertos e “... são, por definição, fatores e temas que ordenam elementos psíquicos, formando determinadas imagens (a ser designadas como arquetípicas), mas de uma maneira que só podem ser reconhecidos pelos efeitos que produzem.” (Jacobi, 2016, pp. 43-44).

Diante do exposto, a literatura consultada aponta Danann, Brighid e a deusa tríplice Morrígan como as principais divindades da mitologia Celta hibérnica. Cada deidade com sua narrativa mítica, possui características que as relacionam com aspectos arquetípicos.

Danann

Consensualmente, tanto Robbins (2004) quanto Faro (2020) apontam Danann como a deusa primeira, a grande ancestral de todas as deidades e considerada “... deusa mãe dos povos célticos da Irlanda — e possivelmente também de Gales ...” (Faro, 2020, p. 6). De acordo com o folclore irlandês, Danu — outro nome pelo qual era conhecida — era uma mulher muito sábia, tendo conduzido seu povo, os “Tuatha Dé Danann” que traduzido do gaélico significa “Tribos ou filhos de Danann”, até as terras hibérnicas. Possuindo conhecimentos sobre magia, especialmente ligada as forças da natureza, por onde passavam a terra se tornava fértil; após ter passado seus conhecimentos a deusa se deitou,

CC BY 4.0
Attribution 4.0 International
Deed

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/07/2026 - **Accepted:** 19/08/2026
Vol: 13.18 - August
DOI: 10.66104/04bwwg41
Pages: 1-18

anunciando que ".... sempre iria nutrir e guiar seu povo naquela terra, em todas as eras." (Faro, 2020, p. 7). Com isso, seu corpo fundiu-se a terra e seus seios formaram duas montanhas, nomeadas como "Os Seios de Anann".

Levando em consideração todos os aspectos de Danann, foi possível perceber a similaridade com o padrão arquetípico da Grande Mãe, já citado anteriormente neste trabalho. De acordo com Neumann (1999), se trata de um grupo arquetípico homogêneo, no qual a Grande Deusa Mãe possui aspectos tanto positivos, Mãe Bondosa, quanto negativos, Mãe Terrível. No entanto, com base nos dados encontrados, Danu é representada nas narrativas míticas como o lado positivo do arquétipo, porém não no sentido de figura que se consolida como mãe física que ama e acolhe, mas sim de uma imagem primordial fantasiosa do inconsciente, como pontuado por Faro (2020, p. 8): ".... simboliza o princípio feminino que gera e nutre, assim como a Terra, a natureza ....". Desse modo, no polo positivo ".... encontram-se as funções do gerar e do libertar como bases do crescimento e do desenvolvimento." (Neumann, 1999, p. 65), tendo como símbolo típico o

> ... da vegetação, em que a planta que está em crescimento irrompe do escuro útero da Terra e vislumbra a 'luz do mundo'. Essa libertação do escuro para o claro caracteriza o caminho da vida, bem como o caminho da consciência (Neumann, 1999, p. 66).

De forma semelhante, Bolen (1990) também comenta sobre a Grande Deusa como a criadora da vida.

Brighid

Conforme Robbins (2004), Brighid ou Bríd, como é comumente chamada na Escócia (Faro, 2020), é considerada uma das mais importantes deusas do folclore Celta, especialmente do irlandês, assim como indicado por Faro (2020, p. 8), ao sugerir que: "Talvez tenha sido a deusa mais cultuada pelos povos celtas e galo-romanos, durante o primeiro século d.C.". Brighid possui três títulos, o de Rainha da Primavera na Escócia, ".... ligada profundamente à primavera e ao renascimento da terra." (Faro, 2020, p. 8); de Senhora do Fogo Sagrado em suas três faces: "deusa

CC BY 4.0
Attribution 4.0 International
Deed

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/07/2026 - **Accepted:** 19/08/2026
Vol: 13.18 - August
DOI: 10.66104/04bwwg41
Pages: 1-18

do fogo da lareira, protetora das mulheres e do lar; deusa do fogo da forja, protetora dos guerreiros e ferreiros; e deusa do fogo da inspiração, protetora dos druidas e bardos ....” (Faro, 2020, p. 8), corroborado por Bolen (1990) e por Robbins (2004), afirmando que o próprio nome Brighid, significa ‘Flecha Flamejante’; e de Senhora das Fontes Sagradas, associado ao seu poder de cura e fertilidade (Faro, 2020).

Assim, levando em consideração as polaridades apresentadas pela mesma deusa, legitima-se o local ocupado por Bríd de união dos opostos, no qual a deidade era “.... convocada em situações de conflito e disputas. Ela aparece como uma espécie de ‘juíza’ que traz a decisão ou a punição justa para cada caso.” (Faro, 2020, pp. 8-9). Diante disso, ao se considerar as principais características apresentadas por Bolen (1990), Brighid preza pela boa ordem e equilíbrio, assemelhando-se ao arquétipo da Grande Mãe, porém ao contrário da deusa anteriormente citada, mostra-se de forma homogênea como a Mãe Bondosa-Má (Neumann, 1999), que integra os dois polos. Assim, fala-se do sentido do feminino transformador, proporcionando “.... sentimento de integridade e inteireza.” (Bolen, 1990, p. 161).

Morrighan

De natureza similar as demais deusas tríplices em mitologias mais reconhecidas, como a Grega e a Egípcia (McLean, 2020), Morrígan, Badb e Macha podem ser compreendidas como irmãs ou aspectos de uma mesma deusa: “.... Morrighan, a Grande Deusa da Guerra e Magia.” (Faro, 2020, p. 11), recebendo também o apelido de ‘As Morriganas’. Tanto Robbins (2004) quanto Faro (2020) em seus escritos, reforçam as habilidades de transmutação das deusas em corvos, bem como suas ligações profundas com “... a morte, a vida e a conexão com o ‘Outro Mundo’.” (Faro, 2020, p. 11). Nesta forma animal, com sua natureza “sanguinária” [tradução própria] (Robbins, 2004), as irmãs voavam sob os campos de batalha vociferando gritos de guerra ao seu povo, rumo à vitória. Além disso, de

CC BY 4.0
Attribution 4.0 International
Deed

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/07/2026 - **Accepted:** 19/08/2026
Vol: 13.18 - August
DOI: 10.66104/04bwwg41
Pages: 1-18

acordo com Robbins (2004), a tríplice em forma humana, possui a capacidade de assumir as aparências de velhas bruxas e de belas jovens.

Cada irmã se sobressai em um atributo da deidade. Morrígan, adorava lutar, roubava gado e podia prever o futuro, portanto, sabia que uma de suas 'brincadeiras' de roubo, causaria uma guerra e mesmo assim o fez, porque como Robbins (2004) enfatiza: "Para Morrígan, amor e guerra andavam juntos como cavalo e carruagem." [tradução própria] (seção 3, parágrafo 2). Em decorrência de seus atos considerados cruéis e terríveis, recebeu os títulos de "Rainha Fantasma" (Sautman, 1986, p. 215) e "Rainha dos Pesadelos" (McLean, 2020, p. 115). Badb, intitulada de "O Corvo" (Sautman, 1986, p. 215) ou mesmo de "A Coroa" (McLean, 2020, p. 115), relaciona-se com o âmbito sombrio da deusa ao ocupar a figura da 'Banshee', conhecida no folclore irlandês e escocês como uma mulher, jovem ou idosa, que pressagia a morte (Brown, 2022), lamentando-se com estridentes uivos sob aqueles que estão à beira de falecerem em meio à batalha (Robbins, 2004). Macha, diferentemente de suas irmãs, se deixou encantar por um homem humano e reprimiu sua natureza feroz e cruel (Robbins, 2004) para viver ao seu lado; entretanto, grávida de gêmeos e forçada pelo seu próprio povo a provar seu poder divino, Macha após ter vencido uma corrida contra os cavalos do rei de Ulster, agonizando de dor em meio a lama, deu à luz. Ali, "A Fúria" (Sautman, 1986, p. 215) – título mais reconhecido da deusa – revelou sua face primal e amaldiçoou por nove gerações, todos os homens daquele local com dores de parto nos momentos em que mais precisarem de força (Robbins, 2004).

Por conseguinte, como indicado por Robbins (2004) e reforçado por von Koss (2018), a tríplice deidade jamais é somente ou totalmente boa, pois ".... não é uma gentil terra-mãe, nem suas representantes são sempre pacificadoras." (von Koss, 2018). Representando assim, o aspecto destrutivo do poder feminino, discorrido por Neumann (1999) como o arquétipo da Mãe Devoradora Terrível, associada aos mistérios da morte que ".... apoiam-se na sua função devoradora-aprisionadora, que retoma para si novamente a vida e o indivíduo." (Neumann,

CC BY 4.0
Attribution 4.0 International
Deed

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/07/2026 - **Accepted:** 19/08/2026
Vol: 13.18 - August
DOI: 10.66104/04bwwg41
Pages: 1-18

1999, p. 70). Corroborando com Robbins (2004) e Faro (2020), Neumann (1999) indica as deusas da guerra e da caça como representações simbólicas deste arquétipo.

3.2 Diálogos entre o saber ancestral celta e a mulher contemporânea ocidental

Tendo em vista a literatura consultada e o objetivo do presente trabalho, sobre quais apontamentos acerca das narrativas míticas Celtas poderiam contribuir para o imaginário feminino contemporâneo, pôde-se observar que a figura da mulher era tida em alta estima e respeito, de tal modo que García (2023) em sua pesquisa, evidencia o fato da grande maioria dos nomes dos clãs das terras altas escocesas serem femininos, como forma de demonstrar respeito por aquelas que lhe deram a dádiva da vida e, do mesmo modo, poderiam tirá-la.

Deste modo, o resgate dos mitos Celtas pode agregar na alimentação da alma da mulher moderna, que na grande maioria das vezes, possui uma dupla jornada de trabalho, está exposta a diversos tipos de violência e sofre pressões sociais por padrões estéticos inalcançáveis, e assim vai cada vez mais se afastando de si mesma (self) para tentar se proteger, perdendo o contato com as raízes ancestrais que a nutriram e a sustentaram até o momento. Elas começam a secar, precisam de água e nutrientes; precisam que as mulheres cuidem de si mesmas, alimentando a terra que energiza o crescimento de um tronco resistente, galhos fortes e folhas vistosas. Entretanto, com o passar dos anos e a sociedade do imediatismo e automatismo, na qual “tempo é dinheiro”, e tudo e todos possuem data de validade, as mulheres se desconectaram dos seus instintos, sua força vital foi sendo reduzida, seu fogo apagado, sua natureza feroz e selvagem domada e docilizada, pois uma mulher que se expressa no seu mais puro ‘eu’ (self) é considerada descontrolada, louca.

“As terras espirituais da Mulher Selvagem, durante o curso da história, foram saqueadas ou queimadas, com seus refúgios destruídos e seus ciclos

CC BY 4.0
Attribution 4.0 International
Deed

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/07/2026 - **Accepted:** 19/08/2026
Vol: 13.18 - August
DOI: 10.66104/04bwwg41
Pages: 1-18

naturais transformados à força em ritmos artificiais para agradar os outros." (Estés, 2018, p. 15). O modo de agir e pensar da sociedade patriarcal está tão enraizado, que até nos discursos daqueles que se dizem a favor dos direitos das mulheres, e nas falas das próprias mulheres, encontram-se colocações profundamente preconceituosas. Os homens comentam reconhecer como seus pares cometeram e continuam a realizar atos tenebrosos, porém, na maioria das vezes, a mulher é colocada no local de vítima e não no de guerreira – não se refere somente aos crimes, mas também aos abusos diários, às microagressões que passam despercebidas, ao desrespeito, à humilhação e à diminuição. Ela não foi resgatada, ela sobreviveu, lutou, poderia ter desistido — o que não é vergonha alguma, pois o peso de ser mulher é imenso. Contudo, apesar das tentativas de destruírem a força vital e regeneradora que pulsa no 'core' de cada ser feminino, elas perseveraram. É triste que algumas mulheres só se reencontrem com essa guerreira feroz quando são levadas para além do limite, quando suas personas não conseguem mais se manter, quando precisam de algo mais forte, brutal, primitivo: a Mulher Selvagem.

A própria Estés (2018) comenta que, assim como as velhas florestas, "... as mulheres velhas não são consideradas reservas de grande importância." (p. 15). De modo semelhante à reflexão proposta neste trabalho, Estés (2018) também indica que

> ... a vitalidade esvaída das mulheres pode ser restaurada por meio das extensas escavações 'psíquico-arqueológicas' nas ruínas do mundo subterrâneo feminino. Com esses métodos, podemos recuperar os processos da psique instintiva natural; .... A mulher moderna é um borrão de atividade. Ela sofre pressões no sentido de ser tudo para todos. A velha sabedoria há muito não se manifesta (p. 15).

Levando em consideração como "... as lacerações espirituais de mulheres profundamente exploradas eram denominadas 'colapsos nervosos' ...." (Estés, 2018, pp. 17-18), remete-se isso a como os homens dos séculos passados, e atualmente os que se encontram na fase idosa, achavam e ainda acham hilárias as histórias de mulheres ou crianças sendo humilhadas, diminuídas e agredidas em público. Quando repreendidos por reviverem com felicidade situações deploráveis,

CC BY 4.0
Attribution 4.0 International
Deed

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/07/2026 - **Accepted:** 19/08/2026
Vol: 13.18 - August
DOI: 10.66104/04bwwg41
Pages: 1-18

culpam o tempo e a idade, virando a cabeça à procura de aprovação das esposas, que se mantêm caladas com semblante sério.

É interessante observar que algumas mulheres somente precisam ter a alma selvagem alimentada para começarem a perceber certas atitudes ao seu redor. Esse alimento pode provir de filmes ou séries sobre mulheres que mudaram de vida ou que mataram aqueles que as abusaram; de livros cuja protagonista retrata um quadro quase exato da realidade cotidiana e algo lhe desperta, fazendo-a olhar para si e não para o que os outros esperam. Outra fonte são os mitos, o folclore, as histórias ditas 'pecaminosas' demais para estarem nos livros escolares ou para serem contadas sem modificações que as tornem brandas, transformando Grandes Deusas e bruxas possuidoras de conhecimentos ancestrais em doces, gentis e frágeis princesas ou santas. Desse modo, as narrativas míticas Celtas assim como os contos de fadas batem "..... à porta da psique profunda da mulher." (Estés, 2018, p. 19).

Em sua obra, Robbins (2004) enfoca não somente nas deusas que moldaram o imaginário dos povos Celtas, mas também em figuras históricas e/ou folclóricas — por não terem sido devidamente registradas historicamente pelos monges cristãos — de rainhas guerreiras; de sábias mulheres que, por ignorância, machismo, sexismo e medo do desconhecido, foram queimadas ou enforcadas como bruxas; e de rainhas piratas que dominavam os mares. Ademais, é necessário reconhecer a importância e os ensinamentos da cultura estudada, lembrando do dever de respeitar e honrar a cultura e a religião de todos.

4. Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo apontar as contribuições das narrativas míticas Celtas para o imaginário feminino contemporâneo. Com isso evidenciou-se que, apesar de nos tempos atuais as mulheres estarem sendo cada vez mais caçadas e enjauladas como animais altamente perigosos, as narrativas Celtas mostram que houve um tempo em que a mulher era adorada, respeitada e tinha liberdade de escolher por si mesma e até pelos outros. Não precisava temer os

CC BY 4.0
Attribution 4.0 International
Deed

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/07/2026 - **Accepted:** 19/08/2026
Vol: 13.18 - August
DOI: 10.66104/04bwwg41
Pages: 1-18

homens, eram eles que deveriam temê-las. As narrativas míticas e históricas alimentam a alma da mulher selvagem adormecida, fazem-na lembrar de onde ela veio e para onde retornará como ser humano, fazem com que as mulheres voltem seus olhares para si mesmas com um pouco mais de carinho e orgulho por serem quem são.

Para tanto, o arquétipo total e transformador da Grande Mãe Bondosa-Má (Neumann, 1999) evidencia a mulher no seu todo, de modo a não ser somente aquela bruxa má comedora de homens e crianças, mas também não é uma donzela indefesa. Demonstra que cada mulher carrega dentro de si o potencial arquetípico para ser ambas as figuras, podendo passar por um processo de transformação alquímica e vir a ser uma terceira: a junção das duas, o equilíbrio, a Mãe transformadora, juíza. Porém, isto não quer dizer que a mulher estará sempre em equilíbrio, pois, assim como a lua, ela segue fases, e essa é a beleza da natureza selvagem e mística da mulher ancestral.

Todavia, as limitações deste trabalho se deram principalmente pela escassez de estudos atuais disponíveis de modo integral acerca do tema, além das restrições de idioma e de contexto sócio-histórico, por possuir foco nas narrativas Celtas irlandesas. Conclui-se que, assim como, em todas as sociedades ancestrais espalhadas pelo mundo, ainda há muito para se investigar e aprender.

Referências

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Manual de publicação da APA**: o guia oficial para o estilo APA. 7. ed. [S.l.]: Grupo A, 2022. Disponível em: https://app.minhabiblioteca.com.br/books/9786558820604 . Acesso em: 04 set. 2025.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Psycnet**. [S.l.]: Apa.org, [s.d.]. Disponível em: https://www.apa.org/pubs/databases/psycnet . Acesso em: 5 out. 2025.

BOLEN, J. S. **As deusas e a mulher**. [S.l.]: [s.n.], 1990.

BROWN, R. The Banshee. **Folklore Scotland**, [S.l.], 12 nov. 2022. Disponível em: https://folklorescotland.com/the-banshee / . Acesso em: 20 fev. 2026.

CC BY 4.0
Attribution 4.0 International
Deed

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/07/2026 - **Accepted:** 19/08/2026
Vol: 13.18 - August
DOI: 10.66104/04bwwg41
Pages: 1-18

DUPONT, S. L. As relações de gênero no patriarcado eurocêntrico e no bom viver: uma análise comparativa. **Revista Espirales**, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 262–278, 2021. Disponível em: https://revistas.unila.edu.br/espirales/article/view/2691 . Acesso em: 15 jan. 2026.

EBSCO. **EBSCO - research databases, EBooks, discovery service**. [S.l.]: EBSCO, [s.d.]. Disponível em: https://www.ebsco.com/ . Acesso em: 5 out. 2025.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. [S.l.]: [s.n.], 2018.

FARO, M. As deusas celtas e a jornada simbólica da alma feminina. **Self - Revista do Instituto Junguiano de São Paulo**, São Paulo, v. 5, p. 1–20, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.21901/2448-3060/self-2020.vol05.0006 . Acesso em: 08 nov. 2025.

GARCÍA, C. M. El papel de la mujer en la religión de la Galia céltica. ¿Diosas y druidesas?. **Ilu Revista de Ciencias de Las Religiones**, [S.l.], v. 28, e84980, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.5209/ilur.84980 . Acesso em: 14 ago. 2026.

GIBBS, G.; FLICK, U. **Análise de dados qualitativos**. (Métodos de pesquisa). [S.l.]: Grupo A, 2009. Disponível em: https://app.minhabiblioteca.com.br/books/9788536321332 . Acesso em: 09 jan. 2026.

GUIA da mitologia celta. [S.l.]: On Line Editora, 2016.

JACOBI, J. **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C.G. Jung**. [S.l.]: [s.n.], 2016.

JÁMBLICO. **Vida pitagórica**: Protréptico. [S.l.]: Gredos Editorial S.A., 2003.

JSTOR.ORG. **Jstor.org**. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: https://about.jstor.org/ . Acesso em: 10 mai. 2026.

LOZADA, G.; NUNES, K. S. **Metodologia científica**. [S.l.]: Grupo A, 2019. Disponível em: https://app.minhabiblioteca.com.br/books/9788595029576 . Acesso em: 24 mar. 2026.

MCLEAN, A. **A deusa tríplice**. [S.l.]: Editora Cultrix, 2020.

NEUMANN, E. **A grande mãe**: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente. [S.l.]: Editora Cultrix, 1999.

RIBAS, K. **A deusa e a mulher contemporânea**: uma leitura dos arquétipos femininos em mitos celtas. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –

CC BY 4.0
Attribution 4.0 International
Deed

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 17/07/2026 - **Accepted:** 19/08/2026
Vol: 13.18 - August
DOI: 10.66104/04bwwg41
Pages: 1-18

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, [S.l.], 2017. Disponível em: http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/14678 . Acesso em: 14 jan. 2026.

ROBBINS, T. **Wild Irish roses**: Tales of brigits, kathleens and warrior queens. [S.l.]: Conari Press, 2004.

SAUTMAN, F. Woman as birth-and-death-giver in folk tradition: a cross-cultural perspective. **Women's Studies**, [S.l.], v. 12, n. 3, p. 213–239, 1986. Disponível em: https://doi.org/10.1080/00497878.1986.9978639 . Acesso em: 14 jun. 2026.

VON KOSS, M. Soberania — A grande deusa celta. **Medium**, [S.l.], 28 dez. 2018. Disponível em: https://medium.com/@koss.monika/soberania-a-grande-deusa-celta-a95e2e71ec96 . Acesso em: 14 fev. 2026.

CC BY 4.0
Attribution 4.0 International
Deed